



PROCESSOS MIGRATÓRIOS E DESLOCAMENTOS: CAMINHOS QUE LEVARAM ATLETAS DE MODALIDADES COLETIVAS AOS JOGOS OLÍMPICOS DE BARCELONA EM 1992

Resumo - Diferenças regionais e desigualdades marcam a história brasileira. Essas são algumas das razões que provocaram movimentos migratórios, em um primeiro momento deslocando populações do meio rural para as cidades e já no final do século XX de diferentes cidades para outras regiões e mesmo outros países. A falta de recursos e de oportunidades profissionais também é vivida por atletas que partem de suas cidades e vilas em busca de times e clubes onde possam experimentar desenvolvimento que os levem a ser atletas destacados em suas modalidades com o objetivo de ser olímpicos. A lógica de clubes esportivos aristocráticos ou de características coloniais como celeiros de atletas olímpicos se mantém, ao longo do Século XX, até que o esporte se torna objetivo de políticas públicas. Ainda assim, as cidades com maior organização esportiva permaneceram como destino de atletas habilidosos de todo o país, provocando um fluxo migratório que se pretende explorar nesse artigo, cujo objetivo é identificar a origem e o destino dos atletas de modalidades coletivas a migrarem na década de 1990, momento em que se deu o processo de profissionalização dos atletas brasileiros.

Palavras-chave: Imigração; Deslocamentos; Atletas Olímpicos; Profissionalização.

MIGRATORY PROCESSES AMONG BRAZILIAN ATHLETES: WAYS TO BECOME OLYMPIC IN THE 1990's.

Abstract - Regional differences and inequalities mark Brazilian history. These are some of the reasons that led to migratory movements, initially shifting populations from rural to cities and by the end of the twentieth century from different cities to other regions and even other countries. The lack of resources and professional opportunities is also experienced by athletes who leave their cities and towns in search of teams and clubs where they can experience development that lead them to be outstanding athletes in their modalities in order to be Olympic. The logic of aristocratic sports clubs or colonial characteristics such as barns of Olympic athletes remains, throughout the 20th century, until the sport becomes the goal of public policies. Nevertheless, cities with greater sports organization remained the destination of skilled athletes from all over the country, provoking a migratory flow that is intended to be explored in this article, whose objective is to identify the origin and destination of the athletes of collective modalities to migrate in the decade of 1990, when the process of professionalization of Brazilian athletes took place.

Keywords: Immigration; Displacements; Olympic athletes; Professionalization.

PROCESOS DE MIGRACIÓN ENTRE LOS ATLETAS BRASILEÑOS: MANERAS DE LLEGAR AL OLÍMPICA EN LA DÉCADA DE 1990

Resumen - Las diferencias regionales y las desigualdades marcan la historia de Brasil. Estas son algunas de las razones que causaron los movimientos migratorios, al principio la gente se desplazan desde las zonas rurales hacia las ciudades y hacia el final del siglo XX a partir de diferentes ciudades a otras regiones e incluso en otros países. La falta de recursos y oportunidades de carrera también es experimentado por los atletas que salen de sus ciudades y pueblos en los equipos de búsqueda y clubes donde se puede experimentar el desarrollo que les llevará a ser deportistas destacados en sus modalidades con el fin de ser olímpico. La lógica de los clubes deportivos aristocráticos o características coloniales como establos olímpicos sigue siendo, a lo largo del siglo XX, hasta que el deporte se convierte en objetivo de la política pública. Aún así, las ciudades con la mayor organización deportiva permanecieron destino atletas calificados de todo el país, provocando una migración que explorará en este artículo, que tiene como objetivo identificar el origen y destino de los atletas de deportes de equipo para migrar a finales 1990, cuando se dio el proceso de profesionalización de los atletas brasileños.

Palabras-clave: Inmigración; Desplazamiento; Atletas Olímpicos; Profesionalización.

Katia Rubio

*Escola de Educação
Física e Esporte*

*Universidade de São
Paulo*

katrubio@usp.br

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v1n1.id7](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v1n1.id7)*

Introdução

O esporte como fenômeno social moderno apresenta-se com características que o relaciona diretamente ao modo de vida urbano, mais especificamente europeu^{1,2}. Essa condição marca não apenas a organização das instituições esportivas, mas também a trajetória do protagonista da competição esportiva, transformada em espetáculo ao longo do século XX.

É sabido que o esporte inglês influenciou fortemente Pierre de Coubertin, levando-o a organizar do esporte olímpico a partir de preceitos ali desenvolvidos. Tanto a capacidade educativa do esporte praticado nas *public schools*, como também a associativa desenvolvida nos clubes e nas federações das modalidades já existentes, foram a fonte de inspiração para a criação do Movimento Olímpico, bem como do Comitê Olímpico Internacional, e a manutenção dos Jogos Olímpicos. Quando o esporte no modelo olímpico se espalhou pelo mundo, o que se observou foi a reprodução de um modelo inglês com adaptações às realidades locais, que inegavelmente reproduziram características aristocráticas, independentemente do continente, ou país, onde ele se reproduzisse.

Enquanto o processo migratório relacionado com o exercício da profissão de jogador de futebol é amplamente estudado não apenas no Brasil, mas em grande parte do planeta por especialistas de diversas áreas de conhecimento^{3,4,5,6,7}, o mesmo não ocorreu com o esporte olímpico, cuja regra relacionada ao amadorismo persistiu até a década de 1980 e em menos de 3 décadas aponta para um esgotamento já observado por dirigentes olímpicos internacionais, levando à criação da Agenda 20+20^{8,9,10,11,12,13}.

Vale destacar que o processo de profissionalização do esporte ocorreu de forma desigual ao redor do planeta. Países com tradição em gestão esportiva rapidamente se adaptaram às regras olímpicas que permitiram aos atletas a realização de contratos profissionais com clubes e empresas. Esses países não apenas facilitaram o acesso à profissionalização de seus atletas como também se tornaram importantes mercados de trabalho para atletas estrangeiros onde esse processo tardou a se realizar ou simplesmente não aconteceu.

Processo semelhante pode ser observado dentro do Brasil onde as diferenças regionais levaram atletas de estados carentes de políticas para o desenvolvimento esportivo, a locais específicos para a prática esportiva especializada em busca de

condições de treino, principalmente nas regiões sul e sudeste. O deslocamento provocado pela premência das condições materiais para o desenvolvimento da carreira esportiva desencadeia um processo de adaptação, socialização e aculturação dentro de diferentes padrões, nem sempre de fácil assimilação. A comida, o clima, os códigos linguísticos característicos levam o atleta migrante e se sentir um estrangeiro dentro do próprio país, dificultando assim a adaptação e, por vezes, comprometendo o desempenho de sua função atlética.

No Brasil foi nos principais centros urbanos brasileiros do começo do século XX - São Paulo e Rio de Janeiro - onde surgiram clubes esportivos, nos quais modalidades olímpicas puderam ser praticadas, responsáveis pela formação do primeiro time olímpico da história do país que participou dos Jogos Olímpicos de Antuérpia. A lógica de clubes esportivos aristocráticos ou de características coloniais como celeiros de atletas olímpicos se manteve, por muito tempo, até que o esporte se tornou objetivo de políticas públicas. Ainda assim, as cidades com maior organização esportiva permaneceram como destino de atletas habilidosos de todo o país, provocando um fluxo migratório que se pretende explorar nesse artigo, cujo objetivo é identificar a origem e o destino dos atletas migrantes na década de 1990, momento em que se deu o processo de profissionalização dos atletas brasileiros.

Materiais e Método

O método utilizado para esse estudo foram as narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiros^{14,15,16} de onde foram extraídos os dados demográficos referentes à trajetória dos atletas que chegaram aos Jogos Olímpicos. Como a questão não foi abordada objetivamente na entrevista, os dados relacionados à origem, ao deslocamento inicial vivido e a chegada ao nível olímpico foram retirados da narrativa capturada pelo Grupo de Estudos Olímpicos da EEFÉ-USP. Para tanto foi construída uma planilha com os dados de interesse dessa análise.

Participaram da amostra 193 atletas participantes dos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992. As entrevistas foram realizadas em local reservado (presencial ou virtual) de forma a preservar a integridade do sujeito, bem como do entrevistador e a qualidade da entrevista, sem com isso desconsiderar as condições e necessidades específicas dos entrevistados. O tempo da entrevista variou conforme a disponibilidade

e disposição dos atletas, e ao final da entrevista foi assinado um termo de consentimento livre e esclarecido no qual foi esclarecido os procedimentos da pesquisa, bem como do destino dos dados fornecidos.

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte da USP.

Processos Migratórios

Sabe-se que os deslocamentos acontecem há muito e por muitas razões. O continente americano foi povoado, a despeito de suas populações nativas, por europeus que se fixaram e provocaram diferentes tipos de migração. Preocupado com a arbitrariedade dos conceitos aplicados para definir os diferentes tipos de imigrantes Tilly¹⁷ propôs uma taxonomia, partindo de duas variáveis básicas: a distância entre origem e destino e o grau de rompimento com a origem de quem migrou. Isso porque o autor entende que o sentido da mobilidade e do deslocamento é distinto da condição vivida na condição de imigrante. Destaca que a maioria dos estudos sobre o tema procura responder três questões básicas que abrangem a pessoa que migra: quem, onde e quando vive alguém em um determinado lugar. Tilly propõe então que seja denominada migração os movimentos mudança relativamente longos e relativamente definitivos e aponta a dificuldade em distinguir mobilidade de imigração. Ainda assim propõe quatro categorias para as migrações:

a) Locais: quando o indivíduo se desloca a um lugar familiar, geograficamente próximo, onde exerce uma relação de trabalho ou mesmo matrimonial;

b) Circulares: leva o sujeito a um destino por tempo definido, devolvendo-o ao local de origem após a realização de uma tarefa.

c) Em cadeia: que envolve indivíduos de um mesmo local de origem que ajudam com informações e incentivos aos novos migrantes. Há uma tendência a esses grupos produzirem verdadeiras aldeias urbanas nas cidades em que se encontram

d) De carreira: são movimentos definitivos que respondem a oportunidades de mudança envolvendo ocupação. Não se baseia em laços sociais, mas na lógica do mercado.

No Brasil os principais movimentos migratórios aconteceram das áreas rurais para as urbanas, principalmente as cidades grandes e as metrópoles. Esse movimento

está relacionado com as atividades econômicas na região Sudeste, responsável pelas migrações com o fenômeno da metropolização e da concentração urbana¹⁸. Passada essa fase o atual processo de mobilidade da população reveste-se de outras dimensões, desdobrando-se em novas interações sociais.

Dentre os desafios que se apresentam para os estudos desse tema, Lee¹⁹ destaca que “(...) poucos estudos consideram os motivos da migração ou assimilação dos migrantes nos locais de destino” (p. 98). As razões que levam pessoas a se distanciarem de seus locais de origem transcendem a busca por trabalho ou melhores condições de vida e implicam em mudanças profundas tanto na organização familiar como na estrutura psicológica de quem se desloca.

Dáí a afirmação de Brigg²⁰ sobre o entendimento das motivações de quem migra “(...) parece ser a resultante de uma acumulação de muitos temores e esperanças, da interação de muitas forças coletivas” (p. 631).

O esporte no Brasil se apresenta como um fenômeno causador de deslocamentos e processos migratórios, porém ainda pouco estudado. Essa prática quando observada a partir da perspectiva dos clubes esportivos pouco sugere sobre essa questão, porém quando se atém aos atletas olímpicos ganha contornos específicos tanto pela precocidade de sua ocorrência, como pela intensidade a partir do processo de profissionalização^{21,22,23,24}. Naquilo que se refere ao mercado do futebol são muitos os estudos realizados mundo afora, sugerindo ser esse um fenômeno distinto do esporte olímpico, seja pela especificidade do mercado, seja pela história da profissionalização do futebol ter se dado ainda na década de 1930^{25,26,27}.

Mas, foi o processo de profissionalização, ocorrido ao longo da década de 1980 e consolidado na década de 1990 que os processos migratórios entre atletas se manifestará com maior intensidade.

Deslocamentos e Imigração a partir da Década do Profissionalismo

O processo de profissionalização do esporte ocorrido a partir da década de 1980 alterou, radicalmente a posição de sujeito do atleta dentro do movimento olímpico. Desde o princípio da história olímpica contemporânea o atleta era o realizador das proezas esportivas sem, contudo, ocupar com o mesmo destaque e importância os cargos políticos que interferiram nos rumos do Olimpismo de forma geral. Interesses

políticos latentes passaram a se somar às necessidades econômicas manifestas, tanto na manutenção do sistema esportivo geral como na realização dos Jogos Olímpicos em particular, tornando as fronteiras entre o público e privado, entre os interesses nacionais e internacionais fluídas e frágeis.

Se durante a fase do amadorismo (desde o início das competições olímpicas em 1896 até o final da década de 1980) o papel do atleta ficava restrito a executar com perfeição suas habilidades, essa função sofreu transformações radicais quando da passagem para o profissionalismo, momento em que além de um *performer*, o atleta também se transformou no representante de marcas e de interesses comerciais em um mundo globalizado. Transformado em um trabalhador em busca de mercado para vender sua mão de obra qualificada o atleta passou a viver desde a adolescência um processo migratório em busca das melhores oportunidades para desenvolver suas habilidades. Nesse processo vive intensamente perdas de ordem familiar, social, cultural e emocional e também a aquisição de novos valores que reorganizam sua subjetividade.

Houve um tempo no esporte olímpico que amador é todo aquele atleta que não tinha treinadores nem treinamento em sua atuação esportiva²⁸. A ênfase dada a prática esportiva não remunerada da burguesia europeia de finais do século XIX e início do século XX foi mantida pela maioria dos dirigentes do movimento olímpico contemporâneo, quase todos eles membros de grupos sociais privilegiados social, econômica e politicamente. Entretanto, o esporte de alto rendimento se converteu em algo tão qualificado do ponto de vista técnico que seus praticantes mais destacados e dedicados ficaram mais próximos, por sua extração social, da classe trabalhadora, que se pretendia manter alijada do esporte, que a burguesia dirigente. Por isso o autor denomina os atletas de alto rendimento de ‘trabalhadores do esporte’, por ter como contrapartida à sua prática profissional, contratos publicitários generosos, exigência de segurança profissional, médica e social, e um distanciamento do chamado ideal olímpico. Os atletas com este perfil apesar de apresentarem uma variada extração social, são quase sempre originários de classes sociais média-baixas, e apontam o esporte como um impedimento ao exercício de outra ocupação, o que os faz buscar a profissionalização.

Os Jogos de Barcelona em 1992 representam a primeira edição olímpica efetivamente profissional, uma vez que ali estiveram presentes todos os atletas que até

Seul eram impedidos de participar como era o caso dos tenistas do circuito da ATP (Association of Tennis Professionals) e os atletas da NBA (National Basketball Association).

Para os atletas brasileiros representou a primeira geração a desfrutar de um projeto de profissionalização iniciado com a entrada de empresas privadas na promoção de algumas modalidades esportivas ainda no início da década de 1980 que culminou na promulgação da chamada Lei Zico (Lei Federal nº 8.672/93), em 1993²⁹. A proposta central dessa lei era dar autonomia às entidades esportivas, oferecendo a possibilidade de clubes esportivos se tornarem empresas, ou seja, esperava-se com isso que prevalecesse a lógica do mercado. A importância dessa edição olímpica para o esporte brasileiro pode ser observada pelo número de participantes – 193 – e pela estreia de 9 modalidades.

Tabela 1 – Início da participação brasileira em Jogos Olímpicos.

Modalidade	Início de participação
Atletismo	Masculino desde 1920 Feminino desde 1948
Basquete	Masculino desde 1936 Feminino a partir de 1992
Boxe	Desde 1948
Canoagem	Masculino a partir de 1992
Ciclismo	Desde 1936
Esgrima	Desde 1936
Ginástica	Masculino desde 1980 Feminino desde 1980
Ginástica Rítmica	A partir de 1992
Handebol	Masculino partir de 1992
Hipismo	Masculino desde 1948 Feminino desde 1968
Judô	Masculino desde 1972 Feminino a partir de 1992
Levantamento de Peso	Desde 1952
Luta	Desde 1988
Nado Sincronizado	A partir de 1992
Natação	Masculino desde 1932 Feminino desde 1932
Remo	Desde 1920
Saltos Ornamentais	Masculino desde 1920 Feminino desde 1956
Tênis	A partir de 1992

Tênis de Mesa	A partir de 1992
Tiro com arco	Masculino a partir de 1992
Tiro Esportivo	Masculino desde 1920 Feminino desde 1984
Vela	Masculino desde 1936 Feminino desde 1988
Vôlei	Masculino desde 1964 Feminino desde 1980

A distinção que se observa no início da competição olímpica para homens e mulheres relaciona-se diretamente à luta por direitos e às políticas de fomento ao esporte brasileiro vigentes no século passado³⁰. Aponta também para um processo de deslocamento que se manifestará basicamente nos atletas das modalidades coletivas.

No caso específico do basquetebol a cidade e o estado de São Paulo foi historicamente lugares onde se instalaram os principais times de basquetebol feminino e masculino^{31,32}. Alguns poucos atletas que chegaram a ser olímpicos se deslocaram de outros estados para irem jogar nos melhores times, condição que os levaria à seleção brasileira. O que se observa, no entanto, é um grande número de atletas naturais de cidades onde a modalidade já se consagrara, acolhendo times que mudaram de nome, durante a fase do profissionalismo, atendendo assim às demandas do mercado que passou a adotar o nome de empresas, e não mais da cidade nos times.

Tabela 2. Atletas olímpicos do basquetebol feminino e masculino

Atleta	Cidade Natal	Estado	Destino
Adriana Santos	São Bernardo do Campo	SP	Várias cidades do interior de SP, França, Espanha
Cadum	São Paulo	SP	Franca, São Paulo, Uberlândia, Rio de Janeiro
Fernando Minucci	Presidente Prudente	SP	Franca, São Paulo
Gérson Victalino	Belo Horizonte	MG	São Paulo, Espanha, Recife, Belém,
Guerrinha	Franca	SP	Franca, São Paulo, Ribeirão Preto
Helen	Araçatuba	SP	Várias cidades do interior de SP, Goiânia, Paraná, Espanha, EUA, Rússia
Hortência	Potirendaba	SP	Várias cidades do interior de SP, Rio de Janeiro
Israel	Barreiros	PE	Várias cidades do interior de SP, São Paulo, Itália, Rio de Janeiro
Janeth	Carapicuíba	SP	Várias cidades do interior de SP, São Paulo, Rio de Janeiro, EUA, Espanha
Josuel	Barueri	SP	Guarujá, Várias cidades do interior de SP, São Paulo, Rio de Janeiro,
Joyce	Curitiba	PR	Várias cidades do interior de SP, Paraná

Marcel de Souza	Campinas	SP	Jundiaí, São Paulo, Santa Cruz do Sul, EUA, Itália
Maria José Bertolotti	Santa Rita do Passa Quatro	SP	Presidente Prudente, Piracicaba, São José do Rio Preto
Marta de Souza Sobral	São Paulo	SP	Várias cidades do interior de SP, Rio de Janeiro, Curitiba
Maury de Souza	Campinas	SP	São Paulo, Rio de Janeiro, várias cidades do interior de SP, Goiânia
Nádia	Osasco	SP	Piracicaba, Cmpinas, Santo André, Osasco
Oscar Schmidt	Natal	RN	São Paulo, Itália, Espanha, Rio de Janeiro
Paula	Oswaldo Cruz	SP	Assis, Piracicaba, Jundiaí, Sorocaba, Campinas, Osasco, São Paulo
Paulinho Villas Boas	São Paulo	SP	Rio de Janeiro e várias cidades do interior de São Paulo
Pipoka	Brasília	DF	São José dos Campos, São Paulo, EUA, Rio de Janeiro, Araraquara
Rolando	Curitiba	PR	São Paulo, Santa Cruz do Sul, Guarulhos, EUA, Curitiba
Ruth	Guiratinga	MT	Várias cidades do interior de SP
Simone Pontello	Americana	SP	Várias cidades do interior de SP
Vânia Hernandez	São Paulo	SP	São Paulo, várias cidades do interior de SP, Sorocaba

O basquetebol masculino é a modalidade olímpica coletiva mais antiga no Brasil, presente nos Jogos Olímpicos desde 1936 e medalhista em 1948, 1960 e 1964, afirmando uma organização da modalidade que a levou à condição de segunda mais praticada no país. Esse cenário, porém, ocorre durante a fase do amadorismo, momento em que a estrutura dos clubes e das federações era distinta, prevalecia um profissionalismo disfarçado, em alguns casos.

Em Barcelona o basquetebol já era profissionalizado e os atletas presentes nos Jogos viviam a intensidade de um mercado de trabalho no país concentrado no estado de São Paulo, nas cidades do interior como na capital, tanto para homens como para as mulheres.

Nessa modalidade observa-se o fenômeno de imigrações locais, posto que os deslocamentos ocorrem para localidades próximas e conhecidas, embora atendesse à necessidade de busca de trabalho.

Fenômeno pode ser observado no handebol que contou no início da década de 1992 com dois polos específicos de desenvolvimento: na região sul, primeiro em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e depois no interior de Santa Catarina e em São Paulo, na capital e na região do ABC.

Tabela 3. Atletas olímpicos do handebol masculino

Atleta	Cidade Natal	Estado	Destino
Cláudio Oliveira Brito	Campina Grande	PB	Santa Maria, Concordia
Drean Farencena	Itajaí	SC	Portugal
Edson Roberto Rizzo	São Paulo	SP	São Paulo
Gilberto Jesus Cardoso	Brasília	DF	Brasília, São Paulo
Osvaldo Inocente Filho - Jabá	São Paulo	SP	Itaunas - ES Chapecó - SC
José Luiz Bueno Aguiar	São Paulo	SP	São Paulo
José Luiz Lopes Vieira	Maringá	PR	Santa Maria - RS Maringá - PR
José Ronaldo do Nascimento	Aracaju	SE	Chapecó, Concórdia, São Bernardo do Campo, Aracajú
Ivan Bruno Maziero - Macarrão	Joaçaba	SC	Florianópolis, Blumenau, São Bernardo do Campo
Marcelo Minhoto Ferraz de Sampaio	São Paulo	SP	São Paulo
Milton Pelissari	Santa Maria	RS	Chapecó, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul
Paulo Rogério Moratore	São Paulo	SP	Portugal
Rodrigo Hoffelder	Luzerna	SC	Alemanha, Chapecó, Maringá
Sérgio Carnasciali Cavichiolo	Curitiba	PR	Blumenau, Chapecó, Itália

O handebol além de ser uma das modalidades mais praticadas em escolas públicas é também a que mais cresce no país^{33,34}. Ao se fixar no território a modalidade instituiu uma região esportiva. Esse processo pode ser observado em cidades como Santa Maria e depois Chapecó, assim como em São Bernardo. Segundo as autoras “Estas regiões são visualizadas a partir das relações que se estabelecem por meio de sua institucionalização. Poderíamos pensar estas regiões sob o ponto de vista funcional e o que a lógica do handebol altera no espaço. As regiões são dinâmicas, ou seja, se estruturam e reestruturam de acordo com as transformações no contexto social. Portanto, as regiões que materializam a prática do handebol são dinâmicas e variam territorialmente”³³ (p. 04).

A origem dos atletas do handebol que foram aos Jogos Olímpicos de Barcelona retrata a diversidade da iniciação esportiva, que quase sempre se dá na cidade natal, e o necessário deslocamento em função da carreira, que pode gerar, ou não, a fixação na cidade destino, afirmando assim a posterior categoria de imigrante.

A geração que foi a Barcelona debutou em Jogos Olímpicos afirmando o crescimento técnico dos atletas. Dos 14 atletas olímpicos 5 eram de São Paulo, 6 da região sul, contando Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, regiões dos melhores clubes brasileiros, afirmando que o desenvolvimento da modalidade em um lugar específico é gerador de fixação de atletas. Os outros 3 atletas, dois do Nordeste e um dos Distrito Federal apontam uma latência em outras regiões. Sendo assim, os deslocamentos vividos pelos atletas podem ser entendidos como de caráter circular, uma vez que número considerável de atletas parte em busca de oportunidade de trabalho, porém retorna ao seu local de origem depois de finalizado o ciclo produtivo.

O caso do voleibol apresenta contornos distintos. Isso porque, mesmo praticado por uma geração vitoriosa em nível regional desde os anos 1960, foi no início da década de 1980 que a modalidade efetivamente se profissionalizou, tanto do ponto de vista técnico, quanto na gestão^{35,36}. A profissionalização do voleibol serviu, inclusive, de modelo para outras modalidades que buscaram as condições materiais para ampliar o número de praticantes e organizar campeonatos tão rentáveis. Isso explica a grande mobilidade vivida pelos atletas da modalidade que não apenas transitaram pelo país onde o mercado de trabalho apresentava oferta variada tanto na região sul, como na Sudeste, e também ampliou as fronteiras levando atletas a jogarem em países como Japão, Itália e Turquia, ampliando os horizontes das gerações posteriores.

Vale ressaltar, entretanto que o processo de profissionalização das mulheres diferiu do dos homens^{37,38}. Muito embora o deslocamento das mulheres já fosse observado desde a década de 1980, quando se desejava o rendimento alcançado pelos homens, porém sem a mesma contrapartida financeira, situação que levou a atleta Jackie Silva a se rebelar³⁹, foi na década de 1990 que elas efetivamente usufruíram do profissionalismo honestamente remunerado.

Tabela 4. Atletas olímpicos do voleibol feminino e masculino

Atleta	Cidade natal	Estado	Destino
Amauri	São Paulo	SP	Rio de Janeiro, Santo André, Itália, São Paulo
Ana Flávia	Belo Horizonte	MG	Várias equipes de São Paulo, Rio de Janeiro, Itália, Minas
Ana Lúcia De Camargo	São Paulo	SP	Várias equipes de São Paulo, Rio de Janeiro, Ilha Bela
Ana Moser	Blumenau	SC	Várias equipes de São Paulo

Ana Paula	Lavras	MG	Belo horizonte
Carlão	Rio Branco	AC	Belo Horizonte, Santo André, Itália, Novo Hamburgo, São Paulo, Chapecó, Florianópolis, Rio de Janeiro
Cilene	Brasília	DF	Várias cidades do interior de SP, Belo Horizonte, São Paulo
Douglas Chiarotti	Santo André	SP	São Paulo, Florianópolis, Belo Horizonte
Fernanda Venturini	Araraquara	SP	Várias equipes de São Paulo, Belo Horizonte, Espanha e Rio de Janeiro
Fofão	São Paulo	SP	Várias cidades do interior de SP, Belo Horizonte, Itália, Espanha, Turquia, Rio de Janeiro
Giovane Gávio	Juiz de Fora	MG	Várias equipes de São Paulo, Chapecó, Rio de Janeiro, Itália, Belo Horizonte, Florianópolis
Hilma Caldeira	Diamantina	MG	Belo Horizonte, São Paulo, Itália, Turquia, Belo Horizonte.
Ida	São Paulo	SP	Rio de Janeiro, Sorocaba, São Paulo, Guarujá, São Bernardo, Ilha Bela
Janelson dos Santos Carvalho	Porto Alegre	RS	São Paulo, Santo André, Suzano, Itália, Blumenau
Jorge Edson	Porto Alegre	RS	Novo Hamburgo, Belo Horizonte, Santo André, Japão, Portugal, Canoas
Leila	Taguatinga	DF	Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Brasília.
Marcelo Negrão	São Paulo	SP	São Paulo, Itália, Santo André, Canoas, Japão
Márcia Fu	Juiz de Fora	MG	Belo Horizonte, São Paulo, Turquia, Rio de Janeiro,
Maurício	Campinas	SP	Várias equipes de São Paulo, Belo Horizonte, Itália, Campinas
Pampa	Recife	PE	Recife, Campo Grande, São Paulo, Itália, Japão, Paraná.
Paulão	Gravataí	RS	Porto Alegre, Chapecó, São Paulo, Novo Hamburgo, Belo Horizonte, Itália, Maringá
Talmo	Itabira	MG	Contagem, São Luís, Belo Horizonte, Santo André, São Paulo, Rio de Janeiro, Suzano, Maringá, Caxias do Sul, Novo Hamburgo
Tande	Resende	RJ	Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo, Itália, Campinas
Tina	Brasília	DF	Cidades do interior de São Paulo, São Paulo, Belo Horizonte,

A dinâmica do mercado do voleibol reflete um mercado aquecido quando dos Jogos Olímpicos de Barcelona e a conquista da medalha de ouro pela equipe masculina intensifica ainda mais essa dinâmica.

O que se observa ao longo da década de 1990 é que os times perdem a identidade com a cidade onde eles desenvolviam suas atividades e passam a depender mais e mais das empresas patrocinadoras, o que os obriga a mudar de cidade sempre que assim a empresa o desejar, em função da estrutura oferecida para seu estabelecimento.

Colabora para essa situação os contratos por temporada, e não anuais, obrigando os atletas a se mobilizarem em busca de novas oportunidades sempre que uma empresa desistia de manter uma equipe competitiva.

Conclusões

A trajetória dos atletas das seleções de basquetebol, handebol e voleibol presentes nos Jogos Olímpicos de Barcelona aponta para uma dinâmica que revela a concentração dessas modalidades em regiões específicas do Brasil, todas elas no Sul e no Sudeste. Indica que as cidades onde se pratica o esporte de forma regular, com times de destaque no cenário competitivo, há uma tendência a levar os jovens habilidosos ao nível competitivo e à fixação na própria cidade. O deslocamento gerado, posteriormente, é decorrência da instabilidade vivida por times e clubes no processo de profissionalização. Essas mesmas cidades são também o desejo de destino de atletas que se destacam em outras regiões e têm a migração como a única possibilidade de chegar à condição de atleta olímpico, provocando tanto as imigrações locais, como as circulares e por carreira.

A mudança constante de cidade, e mesmo de país, leva o atleta a uma busca por organização emocional, material e social diante da instabilidade gerada por essa situação. Os processos de mudança física e o contato com outros valores culturais ao longo dos anos, é um processo que acarreta profundas marcas na formação da identidade, em um processo que se refere especificamente aos processos migratórios e às rupturas geradas por essa vivência⁴⁰.

Migração, deslocamento, diáspora, busca de identidade e eterno retorno são temas recorrentes no discurso de atletas que partiram de suas cidades natais ainda muito jovens em busca de oportunidade para desenvolver uma habilidade identificada como fora da média¹⁰. Se a busca da perfeição é um dos agentes mobilizadores para essa ação, o enfrentamento do desconhecido e das dificuldades, assim como a derrota são também elementos presentes na vida dos atletas.

Referências

1 Dunning E. A busca da excitação. Lisboa: Difel; 1992.

- 2 Hobsbawm E. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: Hobsbawm E, Ranger T. Editores. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1997.
- 3 Lanfranchi P. The migration of footballers: The case of France, 1932-1982. In: Bale J, Maguire J. Editors. *The Global Sport Arena: Athletic Talent Migration in an Independent World*. London: Frank Cass; 1994. p. 63-77.
- 4 Magee J, Sugden J. “The World at their Feet” Professional Football and International Labor Migration. *J Sport Soc Issues*, 2002; 26(4): 421-437.
- 5 Giulianotti R, Robertson R. Forms of Glocalization Globalization and the Migration Strategies of Scottish Football Fans in North America. *Sociology*. 2007; 41(1): 133-152.
- 6 Frick B. Globalization and Factor Mobility: The Impact of the “Bosman-Ruling” on Player Migration in Professional Soccer. *J Sports Econom*. 2009; 10(1): 88-106.
- 7 Elliott R. Brits abroad: a case study analysis of three British footballers migrating to the Hungarian Soproni Liga. *Soccer & Society*. 2014; 15(4): 517-534.
- 8 Agergaard S, Ryba TV. Migration and Career Transitions in Professional Sports: Transnational Athletic Careers in a Psychological and Sociological Perspective, *Sociol Sport J*. 2014; 31: 228-247.
- 9 Engh MH, Agergaard S. Producing mobility through locality and visibility: Developing a transnational perspective on sports labour migration. *Int Rev Sociol Sport*. 2015; 50(8): 974–992.
- 10 Carter TF. Re-placing sport migrants: Moving beyond the institutional structures informing international sport migration. *Int Rev Sociol Sport*. 2011; 48(1): 66–82.
- 11 Rubio K. Agenda 20 + 20 e o fim de um ciclo para o Movimento Olímpico Internacional. *Revista USP*. 2016; 108: 2012 - 2128.
- 12 Rubio K. Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, história e imaginário. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2006.
- 13 Maguire, J. *Sport and migration*. London: Blackwell Publishing Ltd; 2011.
- 14 Rubio K. Memória, esquecimento e meta-história: entre Mnemosine e Letho. In: Rubio K. Editor. *Narrativas biográficas: da busca à construção de um método*. São Paulo: Laços; 2016. p. 39-56.
- 15 Rubio K. *Atletas Olímpicos Brasileiros*. São Paulo: SesiSP Editora, 2015.
- 16 Rubio K. Memórias e narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiros. In: Rubio K. Editor. *Preservação da memória: a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos*. São Paulo: Képos, 2014.
- 17 Tilly C. Migration in Modern European History. In: McNeill W, Adams RS. Editors. *Human migration, patterns and policies*. USA: Indiana University Press; 1978. p. 48-72.
- 18 Baeninger R. São Paulo e suas migrações no século XX. São Paulo em perspectiva. 2005; 19(3): 84-96.
- 19 Lee ES. Uma teoria sobre a migração. In: Moura HA. Editor. *Migração Interna: textos selecionados*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil; 1980. p. 89-114.
- 20 Brigg PH. As migrações para as áreas urbanas. In: Moura HA. Editor. *Migração Interna: textos selecionados*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil; 1980. p. 611-690.
- 21 Nunes AV. A influência da imigração japonesa no desenvolvimento do judô brasileiro: Uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais. Tese de doutorado. Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, 2011.

- 22 Pisani MS. Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.
- 23 Ribeiro C, Lovisollo H, Gomes A, Sant’Anna A. Tem um queniano correndo entre nós: atletismo e migração no Brasil. *Rev Bras Educ Fís Esporte*. 2013; 27(3): 401-410.
- 24 Rubio K. Atletas do Brasil olímpico. São Paulo: Kazuá, 2013.
- 25 Soares AJG, Melo LBS, Costa FR, Bartholo TL, Bento, J. O. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*. 2011; 33(4): 905-921.
- 26 Tedesco JC. “Exportação de pés”. Jogadores brasileiros de futsal na Itália e redes transnacionais. *Campos – Revista de Antropologia Social*. 2014; 15(1): 57-74.
- 27 Tonini MD. “Ahhh, no estrangeiro, você é sempre estrangeiro”: Reflexões sobre a e/imigração de futebolistas brasileiros e o racismo no futebol europeu a partir de uma entrevista com o ex-atleta Paulo Sérgio. *Esporte e Sociedade*. 2013; 21: 1-28.
- 28 Ferrando MG. Los deportistas olímpicos españoles: Un perfil sociológico. Madrid: Consejo Superior de Deportes, 1996.
- 29 Angelo LF. Gestão de carreira esportiva: uma história a ser contada no futebol. Tese de doutorado. Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, 2014.
- 30 Rubio K. From Amateurism to Professionalism: Sports Transformations by the Brazilian Olympic Athletes Lenses. *Humanities and Social Sciences*. 2013; 1: 85-95.
- 31 Daiuto M. Basquetebol: Origem e evolução. São Paulo: Iglu editora; 1991.
- 32 Guedes CM. Mulheres a Cesta: O Basquetebol Feminino no Brasil (1892–1971). São Paulo: Miss Lilly; 2009.
- 33 Nunes CC, Mattedi MA. Esporte e território: A territorialização do handebol no estado de Santa Catarina. *Recorde: Revista de História do Esporte*. 2014; 7(2): p. 1-30.
- 34 Reis HHB. Memórias do handebol no Brasil: construindo uma história. In: Greco JP, Romero JJF. Editores. Manual de handebol: da iniciação ao alto nível. São Paulo: Phorte; 2012.
- 35 Vlastuin J, Almeida BS, Marchi Jr W. O marketing esportivo na gestão do voleibol brasileiro: Fragmentos teóricos referentes ao processo de espetacularização da modalidade. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*. 2008; 29(3): 9-24.
- 36 Almeida BS, Vlastuin J, Marchi Jr W, Bravo G. O “país do futebol” que joga com as mãos: a gestão esportiva da confederação brasileira de voleibol. *Revista Intercontinental de Gestão Desportiva*. 2012; 2(2): 144-162.
- 37 Moreira TS. O voleibol feminino no Brasil: do amadorismo à profissionalização. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2009.
- 38 Tavares MR, Mourão L. Mulheres em manchete: a potência da geração de voleibol dos anos 1980. Rio de Janeiro: Letra Capital; 2016.
- 39 Rubio K. As mulheres e o esporte olímpico brasileiro. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2011.
- 40 Hall S. Estudos culturais: Dois paradigmas. In: Hall S. Editor. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/Representação da UNESCO no Brasil; 2003.